

NA CURVA PEDAGÓGICA DE UMA SALA DE AULA: APLICABILIDADES DA EDUCAÇÃO EMOCIONAL NO AMBIENTE ESCOLAR

Danielle Ventura de Lima Pinheiro, DVLP.

UFPB/PUC-GO daniellyventura@hotmail.com.br

RESUMO

O artigo em questão visa analisar a aplicabilidade da curva pedagógica em sala de aula. Para tanto, um estudo etnográfico prévio foi realizado na escola em que a atividade foi desenvolvida, a fim de que fossem identificadas as principais dificuldades enfrentadas pela turma em questão, atentando-se para as especificidades do seu perfil e também na reflexão de como se poderia adequar as partes desta metodologia à realidade analisada. Por se tratar do público infantil, verificou-se a urgência de se pensar em atividades lúdicas adequadas à faixa etária, que deveriam ser incorporadas à curva pedagógica. Além disso, as dificuldades pertinentes à convivência com as diferenças fizeram com que este fosse o foco da discussão. Como resultado, foi perceptível o acolhimento, a reflexão, a alegria das crianças, que passaram a refletir sobre suas ações, contando com a ajuda do corpo docente, da equipe gestora e da facilitadora da dinâmica.

Palavras-chave: Educação emocional. Curva pedagógica. Público infantil.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo analisar *a curva pedagógica*¹ como eficaz no cotidiano escolar dos alunos das séries iniciais. Essa análise se faz fundamental ao pensarmos como:

[...] as emoções desempenham um papel central em nossas vidas, especialmente por serem estruturantes no desenvolvimento de uma pessoa. Elas influenciam a personalidade, estão nos comportamentos, têm impactos em nossa saúde. Além disso, as emoções estão na fonte da aquisição de competências fundamentais para lidar com exigências sociais, que clamam por pessoas com disposição para trabalhar em grupos e que tenham capacidade de estabelecer relações interpessoais harmoniosas e saudáveis (GONSALVES et.al., 2015, p.88).

¹ Destaca-se aqui a curva pedagógica como capaz de proporcionar uma situação de aprendizagem vital para o aluno. Ela se divide em partes. Cada parte deve ativar um efeito neurofisiológico, pois todas as pessoas são seres racionais e emocionais. O sentir, nesta perspectiva, se expressa no corpo. O aluno aprende com todo o corpo que precisa estar sensível, observador e aprendiz para assim possibilitar “a vivência de emoções diversas e ampliação dos universos afetivos, bem como contato com nossas disposições corporais: do fazer, do sentir, do respirar e do descansar” (GONSALVES, 2012, p.93).

Sendo assim, a motivação para tal estudo se deu a partir da observação de uma turma com perfil diverso² como público interessante para que a curva pedagógica fosse aplicada, buscando proporcionar uma melhor convivência entre estas crianças no cotidiano escolar.

Assim, conhecendo os estudos da educação emocional e, em especial, a curva pedagógica, decidiu-se observar quais os efeitos da sua aplicabilidade na vida das crianças, a partir de um olhar etnográfico, que envolve anotações em diário de campo e olhar minucioso do perfil de tais discentes e profissionais que lidam diretamente com esta turma.

Impactar a realidade desta turma, trabalhando com suas emoções, é um exercício que será realizado com a análise detalhada do cotidiano em questão, garantindo assim sua maior eficácia e utilidade neste contexto específico.

METODOLOGIA

A análise detalhada do perfil da turma é parte preponderante desta pesquisa, uma vez que permite que se tenha a possibilidade de observar detalhadamente como a curva pedagógica é capaz de contribuir para uma relação mais afetuosa entre os discentes, proporcionando um ambiente mais harmônico, a partir de um olhar etnográfico, pois:

A descoberta se dá mediante um processo de observação cuidadoso de um fenômeno social, o que remete não apenas a um acúmulo (*sic*) de detalhes sobre uma determinada realidade. O que se mostra ainda mais importante no caso da Etnografia é a relevância que damos a esses detalhes, processo este que se dá em contínua reflexão com o que é encontrado em campo e também com a própria tradição teórica da disciplina antropológica (OLIVEIRA, 2013, p.171).

Assim, um estudo apurado dos alunos, com suas questões sociais e peculiaridades, será realizado. Para tanto, o diálogo com a docente da turma, com a estagiária, com a cuidadora e com a própria gestora permite que tracemos as principais dificuldades enfrentadas pelas profissionais e as possibilidades de aplicabilidade da curva emocional com a turma.

Também se faz necessário uma observação da turma em seu cotidiano, observando de forma minuciosa a interação entre todos, ou seja, alunos, profissionais e gestores, percebendo

² A diversificação da turma está tanto no que diz respeito à condição social como também de apresentação de alunos diagnosticados com necessidade especial. A escola em questão é da rede municipal de João Pessoa-PB. Omitimos o nome da escola e dos profissionais para proporcionar uma análise genuína daquilo que foi investigado e, assim, garantir a maior espontaneidade dos participantes.

como são executadas as atividades, como as crianças dialogam entre si e quais os sinais mais evidentes de conflito nas suas relações.

É interessante destacar que serão realizadas algumas adaptações ao público alvo em questão, ou seja, ao público infantil. Assim, serão agregados aspectos lúdicos para garantir a eficácia desta análise, pois na curva pedagógica “as atividades devem se aplicar de forma flexível, isto é, totalmente aberta às mudanças que se produzem pelas dinâmicas de cada grupo no momento” (FELISMINO, 2014, p.78).

As partes da curva pedagógica são subdivididas em: harmonização, pactuação, ativação, exposição, concentração, aplicação e celebração. Na *harmonização* sugere-se a presença de uma dinâmica de integração socioafetiva, a fim que o indivíduo consiga se integrar com o outro e com o ambiente. A *pactuação* é marcada pelo compromisso com resultados e alcance de metas e é caracterizado pela descrição de todas as atividades que serão expostas. A *ativação* é marcada por uma abordagem de cunho holístico, composto pela atividade em equipe, pela percepção do cotidiano e pelo ponto de vista do educando. A *exposição* é composta pelo posicionamento do docente. A *concentração* é o momento em que se deve proporcionar ao aluno a possibilidade da atenção voltada para um único ponto, que pode ser marcado por esquemas ou mapas conceituais. A *aplicação* é caracterizada pela busca de solução de problemas e mudança de realidade. A *celebração* é o momento marcado pela comemoração da atividade realizada (GONSALVES, 2014).

Para um público infantil foram realizadas várias adaptações, sendo foco central desta curva pedagógica o respeito às diferenças. No momento da harmonização pensa-se em se fazer um círculo com a música “É tão lindo”, para que as crianças possam brincar umas com as outras e se entrosarem com o facilitador, os professores e entre si. Após esse momento será feito o momento de pactuação, em que se conversa com o aluno sobre a necessidade de se respeitar o colega, utilizando-se para isso desenhos ilustrativos. A ativação será marcada por atividade em grupo, em que pequenos desenhos serão criados pelos discentes, voltados para o amor ao próximo, independente das diferenças. A exposição será marcada pela fala do facilitador e também dos profissionais, pois conhecem as dificuldades enfrentadas pela turma. A concentração será o momento em que os discentes deverão ter um tempo para refletirem sobre o tema debatido e fazerem um desenho representando aquilo que eles entenderam. A aplicação será caracterizada pela formulação de frases pelos alunos com a ajuda dos professores e da facilitadora, que contribuem na reflexão sobre a convivência com as diferenças. A celebração será composta por novo círculo com a

música “Tudo bem ser diferente”, para que todos se sintam incluídos neste contexto.

Assim, a metodologia estará voltada para duas questões cruciais, ou seja, a análise etnográfica da turma em si, seus desafios e dificuldades cotidianas e também trará um estudo sobre a aplicabilidade da curva pedagógica em sala de aula. Logo, requer não apenas o conhecimento prévio das características da curva pedagógica, mas sua capacidade adaptativa ao contexto estudado e colaboração para o enfrentamento de realidades adversas, que serão melhor esmiuçadas no próximo item, já que este se voltará, especificamente, para os resultados e discussões, ou seja, para esta etnografia do local e a própria aplicabilidade da curva pedagógica.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para trazer os resultados e a discussão iniciaremos apresentando a realidade da turma, a partir de depoimentos dos professores e observação da sala de aula de forma antecipada. O trabalho profissional na instituição facilitou na coleta das informações e numa visão privilegiada das dificuldades enfrentadas pela escola.

Iniciando a análise etnográfica da turma em questão observou-se, a partir do relato da professora da turma, como há no seu interior a presença de seis alunos, cujos pais têm condições financeiras privilegiadas, perceptíveis pelos brinquedos e lanches que os alunos traziam para as escolas no início do ano letivo.

A professora nos informou que fez questão de sensibilizar os pais sobre a tristeza causada em alguns alunos que, vendo o coleguinha com lanches acima da sua condição financeira, se recusava a comer a merenda e que sequer tem a oportunidade de trazer um simples brinquedo para a escola por terem seus pais desempregados. Assim, evitando maiores transtornos, os pais se convenceram a não mais fazer isso e, assim, permitir que a professora garantisse que os alunos se sentissem minimamente em condições iguais. Compreende-se, portanto, inclusão como:

[...] o processo pelo qual os sistemas sociais comuns são tornados adequados para toda a diversidade humana - composta por etnia, raça, língua, nacionalidade, gênero, orientação sexual, deficiência e outros atributos - com a participação das próprias pessoas na formulação e execução dessas adequações (SASSAKI, 2009, p. 1).

A preocupação da professora se dá na profundidade das relações diárias por ela enfrentadas, pois pensa nas diferenças sociais entre os discentes, capazes de gerar mal estar na sua vivência escola.

Contudo, não são apenas esses os problemas enfrentados pela docente, pela estagiária e pela cuidadora, pois nesta sala de aula existem também duas crianças com necessidades especiais e, assim, com dificuldades de interagir com a turma e de apreender os conteúdos. Vale destacar que as crianças com necessidades especiais estão respaldadas pela própria CF/88 que afirma:

Art. 206. O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:

I – Igualdade de condições para o acesso e permanência na escola.

Art. 208. O dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de:

I – ensino fundamental, obrigatório e gratuito, assegurada, inclusive, sua oferta gratuita para todos os que a ele não tiveram acesso na idade própria. (...)

IV – atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino;

Esse atendimento é observável na Escola analisada, pois na sala de aula em questão houve um momento em que um aluno autista estava se recusando a fazer a atividade e interagir com os demais; observou-se que a cuidadora saiu com ele pela escola mostrando desenhos nos quadros e dizendo para as demais crianças que era preciso respeitar o momento dele, pois queria sair daquela situação de desconforto e vivenciar outras coisas. Essa situação nos faz observar nas práticas escolares como,

Muito embora a legislação vigente e os documentos normativos estejam impulsionando, ou mesmo norteando a organização de sistemas educacionais inclusivos, é mister destacar que sem mudança de postura, que deve ser desenvolvida por todos os protagonistas que fazem parte da comunidade escolar, será quase impossível tornar tais políticas efetivas. Haja vista que não se trata de uma simples inserção de alunos com NEE nos sistemas regulares de ensino, mas sim, de uma reestruturação em relação à cultura, a prática e as políticas vivenciadas nas escolas, de modo que estas respondam à diversidade de alunos (VIOTO e VITALIANO, 2012, p.4).

É preciso, portanto, uma adequação do cotidiano escolar para garantir a inclusão de todos. Um fator ainda interessante é como as crianças encararam com normalidade a situação do autista. Provavelmente, essa naturalidade se dá pela convivência diária entre elas e a visão inclusiva reforçada pelas próprias profissionais que interagem neste contexto. Contudo, a questão da classe social ainda é perceptível sutilmente no momento da merenda, pois algumas delas se recusam a comer o lanche oferecido pela escola e têm maior afinidade com aquelas que apresentam a mesma condição social que a sua.

Um momento peculiar observável nesta escola foi o diálogo da professora com a mãe de um aluno com necessidade especial, pois a docente observou que a mesma fazia as atividades pelo seu filho e, assim, pediu que ela não repetisse este gesto, uma vez que todas as atividades são adaptadas à realidade do garoto.

Foram essas dificuldades que fizeram com que o foco da discussão da curva pedagógica fosse o respeito às diferenças, de modo que cada parte do nosso trabalho fosse focada nesta temática. Além disso, o fato de serem crianças em processo de alfabetização fez com que fossem analisados os desenhos, as pinturas e as frases curtas de efeito.

A parte da harmonização foi agradável e pudemos observar a presença de crianças mais tímidas, outras mais sorridentes, mas todas curtindo a música “É tão lindo” e dançando de forma espontânea. As professoras também aproveitaram o momento e entraram na roda, dançando com seus alunos e buscando entrosar os mais tímidos.

Observou-se pelo próprio cenário da sala de aula que eles não tiveram dificuldades de fazer a pactuação, já que as professoras exploram as regras de convivência em sala de aula. Assim, eles ficaram atentos às imagens que preparamos, que foram voltadas para o amor ao próximo e a boa relação entre eles.

Na parte da ativação as crianças desenharam nos cartazes pessoas de mãos dadas e demonstraram ter compreendido o conteúdo. Algumas chamaram a facilitadora para dizer que às vezes são xingados pelos colegas e isso revela o significado profundo deste momento para aqueles que se sentem excluídos. Valorizando este momento de compartilhamento, buscou-se mostrar para as crianças a necessidade de se colocar no lugar do outro e como sofremos quando somos excluídos.

Assim, de forma espontânea, já se partiu para a exposição do conteúdo e tivemos como ponto de apoio a fala das professoras, que reforçaram o tema debatido, fazendo com que aquele fosse um momento de refletir sobre a vivência escolar e que os alunos pudessem parar para pensar que, mesmo diante de tantas diferenças, precisamos ser tratados como iguais e no momento em que se menospreza ou ridiculariza o colega, causa muita tristeza e dor.

A hora da concentração fez com que muitas crianças que cometiam bullying demonstrassem arrependimento e abraçassem o colega que já entristeceu. Essa situação revela o valor da educação emocional nas escolas e a necessidade de se trabalhar com esta temática em todos os espaços.

No momento de aplicação, algumas crianças não alfabetizadas contaram com a ajuda das professoras para formular frases sobre esta vivência que foi

encerrada com a música “Tudo bem ser diferente”. Todos dançaram e, assim, celebrou-se a cultura da paz e a inclusão na sala de aula.

A gratidão das professoras e da própria gestão da escola fez com que percebêssemos que o papel do facilitador é apenas de dinamizar a realidade da escola, cabendo agora de cada um deles buscar soluções para os seus problemas e pensar em estratégias que permitam que o aluno se sensibilize para o respeito ao outro. Também ficou explícito que algumas posturas excludentes partem dos próprios pais, que também precisam refletir sobre a educação emocional e o respeito às diferenças. Cabe à gestão estar atenta a estes detalhes, pois

Percebemos que uma gestão escolar comprometida com reais valores democráticos, cujas decisões partem sempre da reunião e cooperação dos envolvidos na instituição escolar, facilita, de certo, à escola assumir a função definitiva a que veio, ou seja, lutar pela transformação social, a fim de garantir mudanças de atitudes e valores discriminatórios, possibilitando aos indivíduos a construção de uma sociedade inclusiva, que almeja a educação de qualidade para todos (MATTOS, 2010, p.7)

Assim, esta experiência fez com que refletíssemos tanto na importância de se analisar o contexto antes de aplicar a curva pedagógica, como também nas múltiplas personalidades de reações diante da sua aplicabilidade. Assim, valoriza-se aqui o caráter etnográfico desta pesquisa que se pautou primeiramente no estudo do campo para somente a posteriori pensar em temáticas que, de fato, fossem atender satisfatoriamente ao público em questão.

CONCLUSÕES

Diante de um cenário de diferenças e de exclusões percebe-se na curva pedagógica a possibilidade de reflexão sobre a própria realidade vivenciada pela turma e a solução de problemas, de tal modo que as crianças passam a refletir de forma lúdica sobre a necessidade de se respeitar aqueles que têm características diferentes das suas.

É interessante observar que o fato de serem crianças trabalhando com suas emoções revela a possibilidade de se pensar em um ensino diferenciado e inclusivo em que todos possam se sentir acolhidos no ambiente escolar.

A abertura das profissionais que enfrentam dificuldades diárias com esta turma e que puderam compartilhar com a facilitadora sobre questões cruciais deste ambiente diverso e com diversos sinais de exclusões silenciosas fizeram com que a curva pedagógica fosse adequada à realidade em questão.

A gestão também teve um papel crucial na execução destas atividades, pois possibilitou o adentramento à escola, conhecimento da turma e a própria aplicabilidade da curva pedagógica. Igualmente preocupada com as características da turma, percebe-se a busca por solucionar os problemas e de fazer com que os pais se tornassem sensíveis à realidade diversa daqueles alunos.

A própria maneira que se trabalha com a curva pedagógica permite a criança interagir e trabalhar com todo o seu corpo, fazendo com que se garanta a eficiência da atividade e que seus efeitos sejam imensuráveis, gerando reflexões que perpassem toda a vida do público em questão por envolver práticas metodológicas que fogem do esquema tradicional que está limitado apenas à exposição de conteúdo.

Enfim, as crianças da escola estudada tiveram a oportunidade, pela curva pedagógica, de refletir sobre os problemas por elas enfrentados, trazendo soluções a partir de um exercício de alteridade e empatia com seus colegas de forma lúdica e dinâmica, ou seja, adequado à sua faixa etária e perfil.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, Senado, 1988.

FELISMINO, Hérica Paiva. **Educação biosustentável: uma proposta teórico-metodológica para professores de educação ambiental**. Tese (Doutorado em Educação), PPGE/UFPB, 2014.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Educação e a curva pedagógica**. Campinas: Alínea, 2014

GONSALVES, Elisa Pereira. **Curva pedagógica**. João Pessoa: UFPB.2012.

GONSALVES, Elisa Pereira; SOUZA, Andressa Raquel de Oliveir. **Educação, vivência emocional e processo libertador**. *Impulso*, Piracicaba • 25(63), 87-100, maio-ago. 2015. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-unimep/index.php/impulso/article/view/2102/1661>. Acesso em: 12/07/2017.

MATTOS, Gracielle Fernandes Ferreira. **Gestão democrática e inclusão escolar: um possível diálogo**. Disponível em: < <http://www.ufjf.br/revistaedufoco/files/2010/02/6-Texto-Revista-Educa%C3%A7%C3%A3o-em-Foco-Gracielle-resumo-abstrat.pdf>> Acesso em 10/05/2017.

OLIVEIRA, Amurabi. **Algumas pistas (e armadilhas) na utilização da Etnografia na Educação**. Ano 16 - n. 22 - dezembro 2013 - p. 163-183.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Inclusão: acessibilidade no lazer, trabalho e educação.** *Revista Nacional de Reabilitação* (Reação), São Paulo, Ano XII, mar. /abr. 2009, p. 10-16.

VIOTO, Josiane Rodrigues Barbosa; VITALIANO, Célia Regina. **O papel da gestão pedagógica frente ao processo de inclusão dos alunos com necessidades educacionais especiais.** IX ANPED Sul. Seminário de pesquisa e educação da Região Sul. 2012. Disponível em:
<<http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/660/668>>.
Acesso em 25/03/2017